



Carta de Conjuntura Econômica

Carta de Conjuntura Econômica ao Interior - Ano III N.º XVII

As Eleições presidenciais dos EUA

A história recente das eleições dos EUA sugere que há uma tendência dos americanos em eleger candidatos Republicanos. Porém esta análise pouco vale e nada agrega na discussão sobre a eleição presidencial dos EUA, isso porque se for considerada as 16 ultimas eleições, se verá que oito presidentes foram Democratas (William Jefferson Clinton, William Jefferson Clinton, James Earl Carter, Lyndon Baines Johnson, John Fitzgerald Kennedy, Harry S. Truman, Franklin Delano Roosevelt e Franklin Delano Roosevelt) e também oito Republicanos (George Walker Bush, George Walker Bush, George Herbert Walker Bush, Ronald Wilson Reagan, Ronald Wilson Reagan, Gerald Rudolph Ford, Richard Milhous Nixon e Dwight David Eisenhower).

Os estados norte-americanos têm uma divisão histórica na preferência entre Democratas e Republicanos. Os estados do Centro e do Sul, principalmente em grandes centros urbanos e industriais, apresentam um viés por candidatos Democratas. Já os estados mais agrícolas, como o Texas, apresentam uma tendência em votar em candidatos Republicanos. John McCain, prisioneiro de guerra por vários anos no Vietnam é o candidato do partido Republicano e o senso comum leva a crer que ele é o grande favorito para estas eleições presidenciais. A grande questão dos eleitores Democratas, por sua vez, não é mais somente escolher um candidato (Barak Obama ou Hillary Clinton), mas sim escolher um candidato com reais chances de vencer o já escolhido candidato do partido Republicano.

No Brasil facilmente se separa os partidos políticos entre de esquerda, direita ou centro. Já nos EUA, os dois principais partidos são de direita e no máximo pode-se considerar os Democratas como liberais e os Republicanos como conservadores. Porém deve-se tomar cuidado com estes rótulos, pois atitudes populistas freqüentemente utilizadas por ambos os partidos tornam muito tênue a linha divisória entre eles.

Pela primeira vez na história um negro ou uma mulher podem se tornar presidente nos EUA. A pergunta que se faz é se realmente os EUA estão preparados para essa mudança de paradigma. Os Republicanos ponderam a retirada das tropas americanas no Iraque e questionam se esta retirada seria honrosa ou com gosto de derrota, já os Democratas não vêem mais motivos para a permanência das tropas. Por outro lado, John McCain (Republicano) parece ser mais favorável ao livre comércio do que o candidato Barak Obama (Democrata). Com certeza, não é uma escolha fácil para os americanos, pois se por um lado os Democratas depositam muita esperança de mudança nestas eleições, por outro lado eles também estão receosos quanto a estas mudanças, fato que pode ser observado pelo medo dos Republicanos de o candidato John McCain não ser tão conservador quanto gostariam. O acontecimento novo destas eleições é a esperança de constituição de uma superpotência mais benevolente.

O Brasil não é um país importante na agenda das relações exteriores dos EUA, e afirmar que a eleição de um ou outro candidato seria melhor para o Brasil é muito arriscado. Os Democratas não contam com a simpatia dos asiáticos, principalmente devido a posturas protecionistas e trabalhistas que o partido costuma tomar o que parece ser um fato também pouco favorável ao Brasil. Já os Republicanos não vêem com bons olhos o potencial exportador do Brasil, principalmente de produtos agrícolas como a laranja, assim como seguidamente se observa a defesa da manutenção dos subsídios agrícolas pagos

aos agricultores americanos, o que conseqüentemente diminui a competitividade das exportações de *commodities* agrícolas brasileiras.

A questão da possível recessão na qual os EUA estariam passando é um ponto negativo para o candidato Republicano. Não é por acaso que o presidente Bush não é citado, muito menos requisitado nos comícios do seu colega de partido John McCain. A história pode se repetir, Bill Clinton derrotou Bush (pai) principalmente devido à péssima herança econômica que o partido Republicano deixara. Esse provavelmente será o mote das futuras discussões, quando já se tiver a certeza de quem será o candidato Democrata que irá concorrer com John McCain. No momento a economia não é a questão mais relevante para os candidatos até porque este será o grande trunfo dos Democratas, principalmente devido à ótima gestão do presidente Democrata Bill Clinton, e será também a principal fissura da armadura Republicana. Porém nos EUA, assim como no Brasil, a memória do eleitor é curta e, provavelmente, não tornará tão relevante esta questão. As maiores preocupações dos eleitores americanos neste momento estão centradas na segurança nacional, fluxos migratórios e problemas climáticos.

No Brasil os reflexos da crise norte-americana parecem ter se dissipado. O dia 22 de fevereiro foi uma data importante para o mercado financeiro, pois neste dia as perdas ocorridas em 2008 foram recuperadas, e o temor de uma grande turbulência parece ter se tornado em uma fina garoa de inverno, na qual se percebe o mau tempo, mas há condições de mobilidade de capital sem grandes riscos. Caso esta dinâmica positiva permaneça no decorrer do ano é muito provável que a economia seja colocada em segundo plano nas eleições presidenciais dos EUA. Até porque nenhum candidato se sente confortável em levantar a bandeira de salvador da economia norte-americana, pois isso levaria os mesmos a tomar atitudes impopulares, como elevar impostos, diminuir gastos sociais, elevar juros e principalmente atacar o crônico problema do déficit fiscal e comercial.

Sérgio Leusin Júnior
Assessoria Econômica
sergio.leusin@federasul.com.br
<http://www.federasul.com.br>

Como estou lhe atendendo? Dê sua opinião pelo email:
federasul@federasul.com.br

